

A RADICALIDADE DA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E DE GÊNERO DISCURSIVO DO CÍRCULO DE BAKHTIN: BREVES COMENTÁRIOS

Adail Sobral¹

(PPGL – UCPEL; GES - USP; GED - UNAERP)

Resumo:

Este ensaio tem por objetivo discutir alguns aspectos da concepção de gênero de Bakhtin do ponto de vista de duas abordagens: da contribuição do materialismo dialético e das concepções de Kant, em suas ressignificações pelo Círculo. A primeira trata da potencialidade do conceito de gênero como elemento organizador dos estudos da linguagem, no âmbito do dialogismo, sua estabilidade dinâmica e seu caráter de “modelo fluido” do mundo humano, tal como apreendido no âmbito de uma dada esfera de atividades. A segunda tem relação com o modo como o Círculo incorpora parte das categorias propostas por Kant, categorias mediante as quais os seres humanos interpretam o sensível do mundo segundo as categorias do inteligível, bem como com a “arquitetônica”, o modo pelo qual o Círculo evidencia a qualidade de “molde variável” dessas categorias nos termos das relações enunciativas específicas que se estabelecem entre interlocutores.

Palavras-chave:

Linguagem, Gênero, Círculo de Bakhtin, Materialismo Dialético, Kant

Abstract:

This paper aims to discuss some aspects of Bakhtin's concept of genre from the point of view of two approaches resigified by the Circle; the contribution of dialectical materialism and the conceptions of Kant. The first one deals with the potentiality of the concept of genre as an organizing element of language studies inside dialogism, its dynamic stability and its aspect of a fluid model of the world as it has been apprehended in a certain sphere of activity. The second one is about the way the Circle incorporates part of the categories proposed by Kant where human beings interpret, using categories linked to inteligibility, the sensible world and relates to the concept of “architectonics”, the way the Circle shows the quality of “variable mold” of these categories in terms of specific enunciative relationships between interlocutors.

Keywords:

Language, Gender, Bakhtin's Circle, Dialectical Materialism, Kant

Introdução:

Linguagem e Ato

Bakhtin, como tentei demonstrar em alguns escritos, une de maneira filosoficamente complexa aspectos da obra de Kant, da fenomenologia de Husserl e do materialismo histórico e dialético de Marx e Engels numa concepção de sujeito e de linguagem sobremodo transdisciplinar, também ela uma totalidade arquitetônica que, evitando o teoreticismo e o empirismo, permite uma proveitosa junção entre singularidade e generalidade, ou seja, o respeito à especificidade de cada discurso/gênero (os *sentidos* instaurados em seus contextos específicos) e a generalidade (as *significações* mobilizadas) que faz dele membro da categoria *discurso/gênero*.

As significações, vinculadas com a generalidade, constituem a meu ver parte do que Amorim (2009) denominou “aparelho técnico do ato”, que de modo algum esgota a complexidade do que está envolvido naquele. Por si sós, as significações não conseguem explicar os atos simbólicos e materiais humanos, uma vez que estes só existem em contexto, sendo o fato da realização ao to em contexto que lhe confere sei *sentido*. Assim, com o reconhece Amorim (p. 27), não é possível “teorizar sobre o ato” “porque ele é da ordem da singularidade e do vivido e a teoria é justamente aquilo que é indiferente ao sujeito que a pensa”. Isso não significa que Bakhtin descarte por inteiro a possibilidade de teorizar a singularidade dos atos, mas que ele recusa as alternativas empirista e teoreticista, a primeira perdida na singularidade de atos individuais, incapaz de generalizar, ao propor a irrepetibilidade como o único critério, e, a segunda perdida na generalidade que desconsidera a singularidade, ao propor rígidas leis universais.

A alternativa bakhtiniana é precisamente, sem relativismos empiristas ou absolutismos teoreticistas, propor a junção entre o que há de comum entre os atos e o que há de singular em cada ato, algo que, como demonstra Amorim (op. cit., cf. p. 22-27) é formulado por Bakhtin, num dado momento de *Para uma filosofia do ato*, em termos da distinção entre verdade (*istina*) e validade (*pravda*); *istina* dá conta da generalidade, da *significação*, ao passo que *pravda* remete à singularidade, ao *sentido*, que surge de uma transfiguração relacional das significações em contexto. Assim, Bakhtin recusa as formas de teorização que tomam uma parte, no caso, a singularidade de cada ato ou a generalidade de todos os atos, como *o todo*, não a possibilidade de generalizar sobre singularidades.

O que Amorim descreve como “dizer” ou “expressar” o ato (p. 27), em oposição a “teorizar sobre o ato”, é aquilo que tentei, mais toscamente, descrever como “generalizar sobre singularidades”, e que se baseia, em minha leitura, na maneira como Bakhtin mobiliza o materialismo dialético, anti-hegelianamente, para propor uma forma de

teorização “dialógica” que recusa “a linguagem teórica e abstrata” então (e ainda hoje) vigente, teorização que leva em conta, repito, o que há de singular em cada ato e o que há de geral ou comum em todos os atos. Se o que une esses dois componentes é a valoração que o sujeito faz necessariamente de todos os seus atos, o que os explica na teoria é a integração entre significação e sentido em toda expressão do ato/dos atos.

Texto e Gênero: breve notícia

Os textos, como tentei demonstrar em vários escritos (cf. p. ex., SOBRAL, 2006), não estão diretamente ligados a esferas de atividade, ao contrário dos gêneros, e dos discursos que realizam os gêneros. Há na verdade apenas quatro grandes tipos de texto (mas não de textualização ou de discurso), do ponto de vista das dominantes formais – e insisto em dominantes –, a saber, texto descritivo, texto narrativo, texto dissertativo e texto, digamos, institutivo (o dos manuais, receitas etc, que instituem saberes e formas de agir), que se combinam de diversas maneiras. Mesmo em casos próximos de formas “puras”, podemos ver os textos como *o plano material de realização dos discursos e gêneros*, não como uma possível “essência” do gênero. Claro que diferentes teorias do texto propõem distintas subdivisões e modalidades de agrupamento de textos, discursos e gêneros, que são legítimas no interior de cada uma delas, mas que, para nossos fins específicos, não alteram a proposta aqui feita.

Tenho demonstrado que o que confere sentido ao texto, o que lhe permite instaurar sentidos, é precisamente sua convocação em discurso/pelo discurso no âmbito de algum gênero, o que implica sua pertinência a uma dada esfera de atividades e a uma dada maneira social-histórica-ideológica de recortar a parcela concebível do mundo no âmbito dessa esfera. O que mobiliza esses tipos de texto são estratégias discursivas, funcionamentos discursivos, formas de realização de um dado projeto enunciativo, de uma dada arquitetônica, sempre relacional, fundada em relações enunciativas, algo que constitui o arcabouço no qual o *tema, o estilo e a forma de composição* unem o histórico do gênero à expressão individual contextual de cada locutor, realizando atos simbólicos (no sentido filosófico amplo de simbólico) que são a um só tempo estáveis e instáveis, objetivos e subjetivos, cognitivos e práticos, textuais e discursivos/genéricos. Assim, repetindo-me, alego que *tema, estilo e forma de composição só instauram sentidos, e fazem sentido, no âmbito de uma arquitetônica* (cf. SOBRAL, 2009a, b).

Os sentidos de frases e textos tomados como neles contidos são na verdade resultado da teoria que propõe a existência desses sentidos e vê sentidos neles porque “contrabandeia”

contextos não declarados para dentro daquilo que não os pode ter. Porque palavras, frases e textos são potenciais de sentido que o discurso e o gênero realizam na e pela enunciação.

Por outro lado, a descontextualização legítima de toda generalização científica não é reflexo da realidade dos fenômenos descritos; o fenômeno é aquilo que o ponto de vista da teoria torna objeto. Tenho dito, a partir de Medvedev, que não se vê o mundo para então escolher um gênero, mas que se vê o mundo com os olhos do gênero. O texto, embora seja a realidade imediata que o analista encontra em seu trabalho, seu ponto de partida, não existe enquanto sentido sem discurso e sem gênero; os textos só adquirem sentido a partir da junção entre sua situação de produção e as significações nele mobilizadas.

A grande dificuldade que percebo no tipo de tratamento que se costuma dar a conceitos bakhtinianos é o fato de não se querer admitir que há nos escritos desses teóricos e de seus companheiros o que chamo de uma teoria cultural dialógica marxista, e especificamente materialista dialética. O materialismo dialético, ao fundar-se na idéia de que o ser/estar dos seres humanos no mundo, e a modificação desse mundo e dos seres humanos por meio dos processos intrinsecamente ligados de *objetivação* e de *apropriação* do mundo natural no âmbito e nos termos da cultura específica dos sujeitos, têm de ser pensados em termos monistas, ou seja, sem as separações e sobreposições mecânicas de tantas teorias que ora partem de uma concepção de “social” restrita à imediaticidade das interações entre seres humanos, ora partem de uma concepção de indivíduo que o reduz a um organismo biológico que assimila autarquicamente um mundo material puramente “objetivo” – o que se aplica a várias outras tendências teoreticistas desse tipo que não questionam, ao contrário do Círculo de Bakhtin, suas próprias bases filosóficas.

Essas concepções de social e do individual apagam de um lado o fato de que é a soma das relações sociais dos indivíduos, e não as relações intersubjetivas por si mesmas, que formam o tecido social e, do outro, o fato de que só nos tornamos seres humanos quando superamos, na sociedade e na história, a fixidez de nossa conformação biológica e mergulhamos na imprecisão da vida em contato com os outros, num mundo que precede o nosso nascimento e que por isso sempre nos afeta. Porque o contato com o outro constitui um desafio que leva o sujeito a buscar necessariamente, de modo sempre tenso, ir além de si mesmo, mesmo quando recusa esse contato: a presença do outro o desloca continuamente de sua posição. Ver o sujeito como mero organismo e ver a sociedade como meras relações intersubjetivas nega o caráter dialético – e, mais do que isso, dialógico – da constituição mútua da mente pelo mundo e do mundo pela mente, dos seres humanos pela sociedade e da sociedade pelos seres humanos.

A *objetivação* do mundo é a transformação social e histórica do mundo mediada por instrumentos (entre os quais a linguagem), e a *apropriação* pelo sujeito - individual, mas não puramente subjetivo, dado que imerso na soma total de suas relações sociais. A percepção, por sua vez, envolve (a) a presença de categorias organizadoras (o que remete a noções kantianas), mediante o agir, o pensar e a linguagem; e (b) o contato do sujeito com o fenômeno concreto (o que remete a noções fenomenológicas). A base da percepção, sem desdenhar as funções cognitivas estritas, é precisamente a maneira como as impressões totais do sujeito (o sensível) são organizadas a partir de categorias organizadoras, na sociedade e na história, o que permite ao sujeito precisamente *objetivar* o mundo e dele *apropriar-se* à sua própria maneira ressignificadora, sem absolutismos nem relativismos de nenhuma espécie.

As idéias de *objetivação* e de *apropriação* criam condições para entender o dialógico, a interação, de uma maneira que prova ser incoerente toda tentativa de assimilar Bakhtin ao lirismo idealista e anti-marxista de uma harmonia social universal, idéia muitas vezes erroneamente associada com suas teorias. Bakhtin segue uma perspectiva realista, que nada tem de lírica e que vê na soma das relações sociais, que ocorrem num mundo tenso, numa arena de luta de interesses contraditórios - e não nos idílios dialógicos a que muitos o restringem - o vir-a-ser do agente humano sem alibi: esta é a idéia bakhtiniana de dialogismo.

Para Bakhtin, repito, mesmo o solilóquio pressupõe a relação do eu com o outro, mesmo que esse outro seja o próprio eu ou as vozes que o povoam. Assim, o sentido nunca se manifesta nem se esgota na vacuidade de um sistema fechado acima dos sujeitos nem na pretensa transcendentalidade do sujeito; ele é sempre "sentido em fazer-se" na interação dialógica, que ocorre tanto no plano do mundo exterior como da linguagem interior (EMERSON, 2002). Em vez de um sujeito transcendental, Bakhtin propõe o sujeito situado, o sujeito que, inserido em seus atos e por eles constituído em seu Ser-come-evento, deles só se afasta em termos exotópicos, em sua necessária posição de fronteira, mas sempre cronotopicamente, isto é, num aqui e num agora (mesmo no plano da grande temporalidade!).

A noção de sujeito, que muito tem de materialismo dialético e de fenomenologia, sempre implica, portanto, pensar o contexto complexo em que se age, considerar o princípio intra-dialógico (que segue a direção do interdiscurso, constitutivo do discurso, mas não se esgota aí) à luz do princípio inter-dialógico, os elementos sociais, históricos, etc. que formam o contexto mais amplo do agir (que segue a direção da polifonia, isto é, da presença de várias "vozes", vários pontos de vista no discurso, que naturalmente podem ser

escamoteados). Assim, podemos pensar a identidade, vital para a noção de sujeito, enquanto insularidade extraposta e alterada, feita sempre “alter”, na aparente continuidade que nos permite dizer “sou eu”: pois só o sou numa circunstância dada que me transforma em outro! A identidade é uma soltura/sutura que dispersa e une tensamente a aparente mesmidade a uma ipseidade também aparente que é – repito! – irreduzível ao mesmo. Eis por que o ser como essência não existe, visto que há só o sendo! A vida só existe enquanto *vivendo*, pois não a interrompemos nem saímos dela para vê-la tal como o é (o seria): nós a vemos vivendo-a.

A ontologia dialógica de Bakhtin propõe um Ser e um Ente inacabados, em processo de tornar-se, que se compõem incessantemente na arena do contato com o outro, uma ameaça que, paradoxalmente, é a condição necessária e suficiente desse dinamismo estabilizável, ou dessa fixidez dinâmica, que é o sujeito para Bakhtin: um amálgama de mesmo e outro, uma incessante e pululante permanência no fluxo.*

No princípio era o gênero...

Para dar conta do caráter de totalidade que é a obra, Medvedev acentua que esta é marcada por uma “unidade temática” que não advém das palavras ou frases nem de suas combinações por si só, embora as tenha como um de seus elementos, configurando-se como o tema do discurso poético *como um todo*. A atividade autoral, a ação do locutor, é um ato sócio-histórico concreto que cria uma totalidade de sentido maior do que a soma dos componentes que convergem para essa construção.

Na obra se unem os elementos lingüístico-textuais e a situação em que o discurso é produzido, as circunstâncias histórico-sociais de tempo e de espaço, nos termos de uma dada orientação de produção de sentido configurada na relação específica entre os interlocutores nela envolvidos, e destes com o “tema”, ou seja, é o resultado dinâmico de uma atividade autoral a que se fazem presentes os aspectos formais e os aspectos não-formais, ou, se se

* Baseio-me aqui na comunicação “Um sujeito em permanente tornar-se, ou a ontologia dialógica de Bakhtin”, apresentada na IV Jornada do Grupo de Pesquisa CNPq Linguagem, Identidade e Memória, no dia 27/11/2009.

preferir, o conteúdo, o material e a forma, o que envolve o composicional e o arquitetônico, o formal e o enunciativo.

Haverá nas várias tentativas de “textualizar” o discurso, e em termos que o reduzem por vezes a estruturas textuais fixas, o temor de que o “lingüístico” escape à lingüística quando o analista se ocupa do real *locus* da produção do sentido, que é a interação social e histórica, com suas fronteiras imprecisas, suas cristalizações temporárias, seus deslizamentos? Não terá chegado a hora de aceitar de fato que a ordem do lingüístico de modo algum é estritamente lingüística?

A partir desses elementos, postulo que a constituição dos gêneros ocorre tanto por assimilação como por oposição, diretas ou indiretas, com relação a outros gêneros no âmbito de suas respectivas esferas, consolidadas, em consolidação ou em mutação. Na verdade, as esferas – assim como os gêneros – estão sempre em mutação, ainda que o ritmo de mudança costume ser deveras lento para ser acompanhado na temporalidade curta. Julgo que a identificação dessas relações intergenéricas, manifestas naquilo que chamo de “macro-marcas” do gênero, não pode restringir-se à textualidade nem à intertextualidade *per se*, ainda que as leve necessariamente em conta, englobando-as no nível das estruturas composicionais, e sequer à discursividade ou à interdiscursividade, que, servem de ligação entre gênero e texto.

Assim, identifico o gênero – que só pode ser pensado, vale repetir, em sua correlação vital com as esferas de atividade –, em termos da atividade autoral, coletiva no âmbito do gênero e individual no âmbito do recurso aos dispositivos do gênero, de proposição de uma arquitetônica (que exhibe maior ou menor grau de liberdade a depender do gênero), o que engloba a meu ver, subsumindo-as, a unidade temática em sentido bakhtiniano (isto é, que não se refere a um tópico *per se*, mas à totalidade de sentido do enunciado/discurso) as formas de composição e o estilo, de gênero e autoral. Logo, centro o trabalho nos dispositivos enunciativos de criação de formas de interlocução, de estabelecimento de relações entre os interlocutores, e entre estes e o objeto do discurso, por meio dos gêneros, constituindo-os, ao tempo em que são por eles constituídos no âmbito de uma dada esfera.

O conceito de “esfera” requer um esclarecimento adicional. As esferas, ou regiões de recorte sócio-histórico-ideológico do mundo, são dotadas de maior ou menor grau de estabilização a depender de seu grau de formalidade, ou institucionalização, no âmbito da sociedade e da história – o que se reflete nos gêneros que delas fazem parte, gêneros que surgem, se combinam, se alteram, “desaparecem” etc., a meu ver num processo, de modo geral lento, que não envolve rupturas, mas no máximo acelerações das mudanças que são mais ou menos perceptíveis. Assim, “esfera” deve ser entendida no sentido de “instituição”,

ou seja, de modalidade relativamente estável de relacionamento cristalizado entre os seres humanos, por definição de cunho sócio-histórico. Quer isso dizer que, para o Círculo de Bakhtin, o conceito de instituição tem raízes marxistas e abarca desde a intimidade familiar até o aparato institucional do Estado, passando por circunstâncias como as que tornam possíveis comentários casuais que desconhecidos fazem um para o outro na rua sobre diversos assuntos cotidianos.

Logo, esfera tem um caráter mais amplo do que definições de “instituição” que se restringem àquilo que o Estado inclui em seu aparato, definições que perdem de vista o fato de que a mera co-presença de duas pessoas é já um evento institucional, é já uma relação social e histórica que envolve toda a sociedade, do ponto de vista de seus diferentes recortes possíveis num dado momento histórico: a relação entre duas pessoas traz à cena a soma total das relações sociais dessas pessoas, da família ao Estado. Negá-lo equivale a postular que a sociedade existe independentemente das relações entre os sujeitos que fazem parte dela quando são precisamente essas relações que a constituem, seja qual for o ambiente e o grau específico de “formalização” desse ambiente: somos povoados pelo outro, ou o sujeito é dividido interior e exteriormente.

Assim, a intertextualidade, a interdiscursividade e a intergenericidade são instâncias constitutivas dos textos, não se podendo ver estes últimos apenas em termos de uma delas. A primeira designa a presença de tipos de enunciados, ou menos de enunciados, de outros textos, num dado texto. A segunda remete a situações enunciativas que se apresentam no interior de outras situações enunciativas. E a terceira se refere a cristalizações relativamente estáveis de situações enunciativas no âmbito das esferas de atividade, ou seja, à organização das discursividades segundo recortes sócio-históricos específicos do mundo humano – precisamente aquilo que faz um gênero “escolher” um texto, mas não vice-versa.

E há entre elas uma hierarquia dialética, se assim se pode dizer, advinda do estatuto dos termos que sucedem “inter” e são por ele modificados: a genericidade é um recorte ideológico do mundo que recorre a certos tipos de enunciados/discursos relativamente estáveis, não necessariamente a certos enunciados/discursos, mas a certos tipos de enunciados/discursos. E estes recorrem a certos tipos estáveis de textualização, mas não necessariamente a certas textualizações estáveis. Ao longo do tempo, há certa cristalização dos gêneros em termos de certas formas de textualização, mas sem fixidez, porque os gêneros se acham em constante atividade de mudança, a despeito de sua relativa estabilidade.

Como julgo, com Marcuschi (2005), que as formas textuais não podem escolher um gênero, mas como, a meu ver, discordando de Marcuschi, o gênero discursivo também não está vinculado de modo tão próximo a uma dada forma textual, reinterpreto – em termos de gêneros discursivos – a proposta de Marchuschi e os dois conceitos de Bazerman (cf. 2005a, 2005b) – o que se liga ao gênero como recorte ideológico da realidade (“relações epistemológicas”) e o que remete ao gênero como organizador da enunciação (“expectativa de gênero”), aquele vinculado com a imprecisão de fronteiras de que fala Marcuschi e este último com os “propósitos de gênero”, também proposto por Marcuschi.

Faço-o porque considero que esses dois teóricos “em transição” podem vir a ser parceiros importantes de uma produtiva conciliação entre 3 elementos relevantes da questão do gênero que me interessam de perto: as textualizações, em vez de gêneros textuais, como materialidade que dão acesso ao gênero discursivo; o gênero discursivo como recorte ideológico que mobiliza textualizações e a tem como seu aspecto formal e a necessidade, apontada recentemente por Rojo (2005), Padilha (2005) e Mendes Barros (2005), de resolver questões de escolarização, transposição didática e didatização dos gêneros, igualmente presente, como eu disse, em Bazerman e Marcuschi.

No livro recém publicado *Do dialogismo ao gênero – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin* (SOBRAL, 2009a; e cf. bibliografia do autor ali contida), levando em conta que o “trato textual” (Marchuschi) dos gêneros se acha bem mais explorado nos estudos de gênero e reconhecendo que a pesquisa com gêneros vem levando crescentemente em conta os processos composicionais, as diferenças estilísticas, as transformações temáticas situacionalmente induzidas, as formas de colaboração entre sujeitos, as expectativas e a organização arquitetônica dos gêneros em diversas situações de produção etc., aspectos vinculados à estabilidade dinâmica dos gêneros, objeto de destaque nas teorias do Círculo de Bakhtin, faço uma apresentação didática das bases do pensamento do Círculo a fim de mostrar a enorme produtividade do conceito de gênero como elemento estruturador de estudos da linguagem. Ali, partindo da idéia de que a concepção dialógica é o ponto de partida da noção moderna de gênero (apesar das tantas versões existentes) e de que o gênero é a contraparte prática da concepção dialógica, detalho minha proposta de estudo dos gêneros.

Cabe destacar que uma proposta que pode ser mais facilmente conciliada com a do Círculo de Bakhtin ali exposta (e que na verdade se baseia nos escritos deste) é a do interacionismo sóciodiscursivo tal como apresentado principalmente em Machado (especialmente 2009a, 2009b, e bibliografia), ou seja, a partir de uma reinterpretação de vários escritos de J.-P. Bronckart, B. Schneuwly e J. Dolz realizada de modo a melhor

reconhecer a dinamicidade relativamente estável dos gêneros e o fato de que o textual *per se* não é capaz de ser a base dos gêneros. Estou no momento fazendo um levantamento de pontos de contato entre essas propostas, assim como de suas divergências, a fim de propor um novo diálogo. Aqui, apresento apenas as bases da proposta do ponto de vista do resgate do que há de bakhtiniano (reconhecidamente ou não), ou de compatível com os escritos do Círculo, em Marcuschi e Bazerman, tal como os interpreto de um ponto de vista bakhtiniano (para uma discussão mais detalhada desses autores, cf. SOBRAL, 2006.)

Uma proposta conciliatória?

Creio poder afirmar que não há uma correlação necessária entre gênero e forma textual, mas cristalizações de certas formas textuais em certos gêneros, ou seja, certas formas textuais apontam para gêneros que as mobilizam costumeiramente e, por isso, ao escolher um gênero, evocam-se em geral a(s) forma(s) textual(ais) típica(s) desse gênero, ou seja, as formas que uma tradição genérica tornou mais comumente mobilizáveis, estando tanto as formas como as mobilizações sujeitas a mudança, dada a estabilidade dinâmica dos gêneros.

Além disso, defendo que o discurso é o espaço de mobilização das textualidades em termos de sua inserção genérica, o que mostra que os textos só se vinculam com gêneros a partir das relações enunciativas que se estabelecem por meio do discurso entre interlocutores. Assim, a escolha do gênero (cf. BAKHTIN, 2003, P. 302, 305-306) advém da relação interlocutiva específica do discurso específico nos termos da esfera, primeira ou segunda. Portanto, é a inserção genérica do discurso que determina a escolha da forma textual, e, mais do que isso, das próprias palavras, que, por conseguinte, podem variar no interior de um mesmo gênero sem que por isso o alterem substancialmente.

Ao traçar esses parâmetros, não desprezo o aspecto textual, mas atribuo-lhe o que julgo ser seu devido lugar: um elemento vital da forma composicional, parcela vital mas não determinante da forma arquitetônica, que é o *locus* da articulação autoral do gênero – tanto em relação ao autor individual, *como principalmente* à atividade autoral em geral no âmbito do gênero, a plasmação arquitetônica, ou seja, as formas pelas quais um autor se insere num dado gênero em termos de suas relações sociais específicas no interior da esfera, nos termos das conjunturas específicas em que se escrevem textos. Nesse sentido, assim como uma dada forma textual não pertence *necessariamente* a um dado gênero, assim também um dado gênero não se restringe a um dado conjunto de formas textuais.

A implicação de tudo isso é, entre outras coisas, que as formas textuais, ou textualizações, se alteram com maior frequência do que os gêneros, ou as generificações, e que as formas discursivas, ou discursivizações, ponto de ligação entre texto e gênero, imprimem ao texto as “regras do gênero” – com suas fronteiras imprecisas e suas sedimentações histórico-sociais. Não se pode confundir texto com discurso nem os dois com gênero; o discurso e o gênero definem a textualização no plano mais amplo das estruturas arquitetônicas, no plano dos todos de sentido; o discurso é definido nos termos do gênero e a “tradução” discursiva do gênero é que produz textualidade.

Nesses termos, o texto é entendido ao mesmo tempo como o elemento mais importante do empreendimento de análise do discurso, porque sem a materialidade do texto não há discurso nem gênero, e como o menos importante, porque sem discursividade/genericidade, nenhum texto tem *sentido (smysl)*, reduzindo-se à *significação (znachenie)* advinda de um dado estágio histórico-social de estabilização da língua e dos planos frástico e transfrástico, no caso do texto verbal, elementos que não interessam *per se* a uma teoria enunciativa, sendo contudo um nível subsidiário de sua análise.

Quanto ao estatuto da análise da textualidade no texto verbal como elemento subsidiário de uma análise enunciativa, remeto por fim a um “fiador” aparentemente inusitado (e que provavelmente não concordaria com minha interpretação): Jean-Michel Adam (1999, *passim*). Ao propor uma recuperação a meu ver “textualizante” de idéias bakhtinianas em que a base da análise seria a lingüística textual, Adam deixa uma clara impressão de que esta última se ocupa do componente por assim dizer “periférico” do empreendimento analítico (para uma discussão recente disso, cf. ROJO, 2005).

O gênero discursivo envolve tanto o texto como o discurso que dá sentido ao texto, e as formas textuais se definem como graus maiores ou menores de estabilização de *tipos* de enunciados que, embora possam ocorrer regularmente num dado gênero, não são necessariamente intrínsecas a eles: assim como um dado gênero convoca outros gêneros, por vezes com suas respectivas textualizações, uma dada textualização pode estar presente em mais de um gênero.

A arquitetônica dos gêneros advém e refrata, assim como contribui para instaurar, as relações específicas que cada esfera de atividade permite vir a ser. O gênero não pode ser pensado sem a esfera, pois de sua relação com esta, fundada nas relações enunciativas possíveis, decorrem os demais processos que criam discursos e mobilizam textos para realizar propósitos enunciativos genéricos. O gênero como ideologia criadora de forma é assim, como tenho dito, aquilo que está no princípio da formação da linguagem – e, portanto, dos sujeitos – em suas diferentes manifestações.

O gênero, portanto, nada tem de forma fixa, sendo antes uma forma-conteúdo sujeita a alterações as mais diversas, havendo, naturalmente, graus maiores e menores de “liberdade” do sujeito, entendido como mediador entre o socialmente possível e o efetivamente realizado e cujo papel varia conjunturalmente, isto é, nos termos de suas circunstâncias específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J.-M., *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*, Paris : Nathan, 1999.
- BAJTÍN, M. M. (1920-1924) *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Trad. e notas: Tatiana Bubnova. Barcelona/San Juan: Anthropos/EDUPR, 1997.
- BAKHTIN. M. M. *Toward a Philosophy of the Act*. (1920-1924). Trad. e notas de Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993.
- (1920-1974). *Estética da Criação Verbal*. 2ª ed. Tradução feita a partir da edição francesa. Trad. M.H. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- (1920-1974). *Estética da Criação Verbal*. 4ª ed. Nova edição com tradução a partir do russo. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- (1929) *Problemas da Poética de Dostoievski*. 2ª. ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 1997.
- (1975). *Questões de Literatura e de Estética (Teoria do Romance)*. 3ª ed.. Trad.: A. F. Bernadini et al. São Paulo: UNESP, 1993.
- (Várias datas). *Art and Answerability: Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin*, edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. University of Texas Press, 1990.
- *The Dialogic Imagination: Four Essays*, org. por Michael Holquist, trad. Caryl Emerson e Michael Holquist. Texas: University of Texas Press, 1981.
- e P. N. Medvedev (1928). *The Formal Method in Literary Scholarship, A Critical Introduction to Sociological Poetics*. Trad.: Albert J. Wehrle. Harvard: Harvard University Press, 1985.
- BAKHTINE, M. (Década de 1930/1965). *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Trad.: Andrée Robel. Paris: Gallimard, 1970.
- BAKHURST, David. A memória social no pensamento soviético. In: DANIELS, Harry, org. *Uma Introdução a Vygotsky*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 229-254.

BALTAR, M.A. Os gêneros textuais na formação dos professores: o perigo da gramaticalização dos gêneros. Sessão de comunicações temáticas do VII CBLA. 11 de outubro de 2004.

BAZERMAN, Charles. 2000. *Shaping Written Knowledge: The Genre and Activity of the Experimental Article in Science*. WAC Clearinghouse Landmark Publications in Writing Studies: http://wac.colostate.edu/aw/books/bazerman_shaping/. Originally Published in Print, 1988, by University of Wisconsin Press, Madison, Wisconsin. Publication Date: November 1, 2000.

----- . Gêneros Textuais, Tipificação e Interação São Paulo: Cortez, 2005a. Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel.

----- . A conversation on text-type, genre and activity: meaningful use of forms. Palestra proferida no LAEL/PUC-SP em 4 de março de 2005b.

EMERSON, Caryl. Keeping the Self Intact During the Culture Wars – A Centennial Essay for Mikhail Bakhtin. In: *New Literary History*, n. 27, 1996.

----- . *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro DIFEL, 2003. Trad.: Pedro Jorgensen Jr.

----- . O mundo exterior e o discurso interior – Bakhtin, Vygotsky e a internalização da língua. In: DANIELS, Harry, org. *Uma Introdução a Vygotsky*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 139-163.

MARCHUSCI, L. A. Os desafios da identificação do gênero textual nas atividades de ensino: propósitos comunicativos versus forma estrutural. Palestra proferida no III SIGET, UFSM, Santa Maria, 2005.

PADILHA, Simone de Jesus. Os gêneros poéticos em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental: uma abordagem enunciativo-discursiva. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2005.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas. In: Meurer, J. L.; Motta-Roth, D.; Bonini, A.. (Org.). *Gêneros: Teorias, métodos e debates*. 1 ed. São Paulo: Editora Parábola, 2005, v. único, p. 184-207.

SOBRAL, A. U. Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

----- . Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-103, 1º sem. 2009a.

----- . *Do dialogismo ao gênero – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009b.

----- Comunicação “Um sujeito em permanente tornar-se, ou a ontologia dialógica de Bakhtin”. IV Jornada do Grupo de Pesquisa CNPq Linguagem, Identidade e Memória. Uberaba: UFU, 2009c.

VOLOSHINOV, V. N. (1930). *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Trad. Rosa María Rússovich. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976. ----- . (1929/30). Les frontières entre poétique et linguistique. In : TODOROV, Tzvetan. *Le Principe dialogique. Suivi de Ecrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981, p. 243-285.

----- . (1925). Más allá de lo social. Ensayo sobre la teoría freudiana. In: SILVESTRI, Adriana e BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p. 173-216 .

----- (1929). La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, Adriana e BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p. 245-276.

-----.(1929). Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, Adriana e BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p. 217-243.

AUTOR

¹ Adail Sobral, Professor Dr.
Adjunto - Universidade Católica de Pelotas
Departamento de Letras